

Marina Mange
Grinover
Maria de Lourdes
Zuquim

d

IDÁTICAS PARA ANÁLISE
URBANA EM ÁREA PRECÁRIA:
UM ESTUDO NA SÃO REMO EM
SÃO PAULO

pós- | I

RESUMO

O artigo apresenta experiência didática que articulou outras metodologias e disciplinas para leitura socioterritorial em favelas paulistas. A disciplina de pós-graduação procurou compreender as dinâmicas urbana e social da favela São Remo em São Paulo, relacionando sua formação histórica e a realidade atual. Diante das transformações das relações social e urbana das favelas paulistas nos últimos 20 anos, justifica-se a necessidade da experimentação de outras práticas didáticas de leitura e compreensão do território de intervenção. A formação de pesquisadores e projetistas aptos para outras formas de leitura nos levou a estudar a favela São Remo associando pesquisa teórica à vivência na comunidade. Os resultados, sintetizados em cartografias e diagramas, permitiram acesso claro a dados históricos, territoriais e sociais complexos da favela e foram ordenados em plataforma digital (*site*) para socializar o conhecimento além do âmbito acadêmico. Concluímos que a análise das áreas precárias necessita de um campo ampliado de leituras e reflexões capazes de contemplar a complexidade do lugar e seus habitantes, rompendo o estigma que aparta o entendimento de cidade na vida de bairros precários.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino. Pesquisa. Favela. São Remo. Cartografia.



[HTTP://DX.DOI.ORG/10.11606/ISSN.2317-2762.POSFAU.2019.150617](http://dx.doi.org/10.11606/ISSN.2317-2762.POSFAU.2019.150617)

Pós, Rev. Programa Pós-Grad. Arquit. Urban. FAUUSP. São Paulo, v. 26, n. 49, e150617, 2019.

DIDATIC FOR URBAN ANALYSIS
IN PRECARIOUS AREA:
A STUDY IN THE SÃO REMO IN
SÃO PAULO

ABSTRACT

The article presents didactic experience that articulated other methodologies and disciplines for socio-territorial reading in São Paulo slum. The postgraduate discipline sought to understand the urban and social dynamics of the slums, relating its historical formation and current reality. Faced with the transformations of social and urban relations in the last 20 years, the need to experiment with other didactic practices of reading and understanding is justified. The formation of researchers and designers suitable for other forms of reading led us to study the San Remo slum, associating theoretical research with the experience in the community. The results, synthesized in cartographies and diagrams, allowed clear access to the historical, territorial and social data of the favela and were ordered on a digital platform (site) to socialize the knowledge beyond the academic scope. We conclude that the analysis of the precarious areas needs an extended field of readings and reflections capable of contemplating the complexity of the place and its inhabitants, breaking the stigma that distances the understanding of city in the life of precarious quarters.

KEYWORDS

Teaching. Research. Slum. São Remo. Cartography.

EXPERIMENTANDO OUTRAS PRÁTICAS DE INVESTIGAÇÃO

As relações de habitabilidade, sociabilidade e significação espacial, hoje, nas favelas transcende a análise de dados censitários, geográficos quantitativos ou simplesmente o entendimento das diretrizes das políticas públicas propostas. Compreendê-las é fundamental, mas nos pareceu importante, além das questões da precariedade e da desigualdade que levam arquitetos, engenheiros, ambientalistas e sociólogos a intervir na cidade informal, também olhar a partir de uma experiência de convívio aproximado com o objeto de estudo. Frequentemente, moradores, prestadores de serviço público, entidades e lideranças locais são colocados na borda das discussões sobre os destinos do território informal, como meros espectadores. A capacitação da comunidade, em geral com baixa escolaridade ou quase nenhuma formação técnica para assuntos do campo do urbanismo, de direitos e deveres diante das ações no território pelo poder público, nos parece uma tarefa estratégica. Ao mesmo tempo, formar profissionais capazes e atentos para essas vozes é um caminho de construção de cidadania e um campo de pesquisa fecundo.

pós- | 3

¹ Disciplina “Intervenções no Espaço Informal das Cidades Brasileiras Contemporâneas”, área de concentração Habitat, do Programa de Pós-Graduação da FAU-USP. Participaram os seguintes discentes: Ana Maria Ferreira Haddad, Daniele Lima Bezerra, Elizabeth Othon, Hemily Beatriz Faria Santos, Isabella Ventura, Joice Genaro Gomes, Livia Salles de Godoy, Marina Piscitelle da Silva, Rodrigo Luiz Minot Gutierrez e Ronald do Couto Santos.

² Pensamento de um desenho ontológico. Apoiado na ideia de que o desenho pode transformar as condições existentes em condições preferidas, valoriza o papel do desenho na criação de significados coletivos. Cf. Escobar (2016).

Este artigo apresenta uma experiência didática que tomou como premissa para a análise urbana associar atividades simultâneas que atravessassem modos diversos de exame do território. Enquanto o grupo de alunos da pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP)¹ mergulhava em bibliografia específica do debate sobre os contextos dos bairros precários, autoconstruídos das cidades brasileiras, estabeleceu-se uma agenda de encontros com a comunidade da favela São Remo, proporcionando um mergulho de contato com a realidade do lugar de pesquisa.

Apoiamos o trabalho em outras disciplinas que não somente o urbanismo e a arquitetura, dando margem a um laboratório de investigação transversal entre conceitos e métodos aparentemente estanques. A etnografia e a antropologia são primeiras ferramentas para ampliação da leitura urbana, especialmente os estudos de Arturo Escobar² e José Guilherme Cantor Magnani. Este explora um modo de “acercamento” e apreensão de um conjunto do contexto urbano, isto é, um modo de examinar fragmentos aparentemente dispersos:

a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa.
(MAGNANI, 2002, p. 12).

Magnani busca romper a dicotomia indivíduo e megaestruturas urbanas para construir um olhar “de perto e de dentro” do objeto de estudo. O pesquisador, a partir do “concreto vivido”, tem outros instrumentos e conhecimentos para articular o conjunto teórico também indispensável. Esse foi o argumento que estruturou a disciplina da pós como um laboratório de investigação de valores

³O termo “hodologia” foi difundido pelo psicólogo alemão Kurt Lewin, a partir de seus estudos da “psicologia topológica” (1936). Ele explorou as relações dos seres humanos com a paisagem seja ela urbana, natural ou doméstica, formulando um método analítico entre as pessoas e seus espaços vitais. Segundo Adson Lima, “a expressão ‘topologia’ foi tomada de empréstimo à matemática e postula uma nova compreensão para o espaço, que, a este título, seria distinto do espaço euclidiano, cujas propriedades, como sabemos, são a homogeneidade, a isotropia e a uniformidade. Trata-se, então, de um espaço psicológico e que dependeria do indivíduo, e no interior do qual ele realiza os seus desejos e as suas necessidades” (LIMA, 2009, p. 2). Segundo Jean-Marc Besse (2015), o “espaço hodológico” não é cartesiano, ele é resultado da interação do indivíduo com o mundo e seu caminhar por ele. Segundo Jean Paul Sartre (1943), o espaço hodológico significa o mundo que nos cerca, com seus objetos, seus caminhos e barreiras e como agimos nele.

urbanos a partir do convívio com parte da comunidade habitante da favela: colocar o pesquisador em contato com os moradores, com os agentes da favela para, desta experiência, explorar relações analíticas imbuídas por outros saberes que não aqueles estruturados em bancos de dados socioterritoriais.

Uma das técnicas de investigação social adotada para ler o cotidiano do ponto de vista das dinâmicas sociais e urbanas foi a observação participante. Olhar, conversar e acompanhar diretamente o cotidiano *in loco*, de dentro e de perto com os moradores da São Remo, revelou processos locais que sobressaem aos conhecidos e registrados na literatura consolidada dos assentamentos na metrópole paulista, como: consolidação, verticalização, novas dinâmicas econômicas locais, ações sociais e culturais (ONGs), e outros. Olhar, conversar e acompanhar *in loco* permitiu captar o cotidiano e suas dinâmicas, a apropriação social do espaço, perceptível somente “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002, p. 12).

Como instrumentos intrínsecos à observação participante, adotaram-se (i) oficinas e derivas com as crianças do Instituto Alavanca, como estratégia para insurgir o imaginário infantil sobre ambiente urbano e os aspectos sociais e econômicos; e (ii) entrevistas semiestruturadas com moradores e lideranças locais para compreender os diversos olhares sobre seu ambiente urbano. Esses trabalhos revelaram o cotidiano, os anseios individuais e coletivos, e nos deram os elementos para construir uma representação do território usado (SANTOS, 1996) a partir dos diagramas.

Tomamos por base, também, o campo da geografia humana contemporânea que vem se debruçando sobre outros modos de mapeamento e cartografia do espaço e da paisagem. Especialmente o trabalho de Jean Marc Besse (2015) e seus exercícios de paisagem, nos quais a ideia do “espaço hodológico”³ se apresenta como outra ferramenta importante de leitura analítica.

A paisagem é frequentemente examinada a distância por pesquisadores ou projetistas, Besse nos apresenta diferentes modos de aproximação da paisagem, principalmente incluindo neste olhar o observador-pesquisador, aproximando a concretude do mundo dos sentidos que temos por ele. Seu texto visa sempre a ação projetual, em que o exame da realidade não é puramente descritivo, mas relacional, ativo. Diante do termo “hodologia”, como método cartográfico, o caminho se torna um lugar fundamental para a leitura do mundo. Nele estamos imersos e aquilo que lemos é resultado de nossa relação com o mundo. O mundo não é, portanto, um absoluto, mas um conjunto de aproximações e distanciamentos que nos provoca a elaborar diferentes narrativas.

Essa força de leitura espacial colabora para os estudos acadêmicos no campo da arquitetura e do urbanismo, pois nos interessa, sobretudo, a capacidade de registro no espaço das manifestações da existência humana, justamente como colocado por Besse. Nesse sentido, a paisagem se apresenta como experiência fenomenológica, que progressivamente não é somente uma representação mental, mas também uma realidade passível de ser investigada cientificamente. A experiência no lugar é o campo sensível da relação com o ambiente (BESSE, 2015). Aqui percebemos como a geografia, a etnografia e a antropologia podem dialogar com a filosofia fenomênica para amparar metodologicamente nosso campo de experiências e convívios.

Como ação concreta, introduzimos a caminhada na didática da disciplina. Seu valor de presença é tido como como melhor ação de reconhecimento, e aqui paisagem não é só lugar, mas um estar que escapa à simples razão de quem caminha. Nessa perspectiva, toma-se como premissa que a caminhada é uma crítica do real, o estar no mundo orientado e articulado, pois aquele que caminha não se contenta em caminhar, vai também desenhando o caminho. A caminhada requalifica o espaço, oferece novas qualidades, novas intensidades. Desse modo, as atividades de troca e relação com os moradores e o espaço físico da favela São Remo foram amparados pelo reconhecimento do valor analítico dessas outras ciências do espaço.

Mas, para além do reconhecimento do lugar, a hodologia e a etnografia nos ampararam para um exercício de valor experimental. A paisagem da São Remo foi convocada de modo privilegiado para imaginar soluções para o encontro, para a relação entre cidade e seus habitantes. “O projeto seria criar algo que já está ali, e ambigualmente imaginar o real, efetivamente fabricar o que já está presente e que não se vê” (BESSE, 2015, p. 98). Nesse sentido, o que procuramos estudar é a possibilidade do projeto e da pesquisa inventarem um território ao representá-lo e descrevê-lo, tecendo ligações entre sinais e deixando o pensamento latente atrás de formas visíveis de um porvir. A dimensão de estar no mundo, de habitarmos e explorarmos é simultânea e coloca a possibilidade da *deriva* como método de ativar esse entendimento.

Para empreender caminhadas como experiências científicas, recorremos também aos estudos do arquiteto italiano Francesco Careri (2013) sobre a prática estética do caminhar. Seu trabalho apontou a *deriva* como ferramenta de conhecimento e transformação do espaço atravessado, colocando a paisagem como meio no qual a existência humana é verificada, registrada e inventada. Ao experimentar a *deriva* de um lugar, ultrapassando o momento puramente sensível, passamos da memória ao relato, em um procedimento de tradução. Assim, apresenta-se como percepção e representação dos espaços o próprio estar no mundo e, fundamentalmente, pontos de vista sobre as coisas, as ideias.

pós- | 5



Figura 1 – Caminhada pela favela São Remo, 2017
Fonte: acervo de imagens da disciplina. Foto: Ana Maria F. Haddad.

Para nossa atividade de pesquisa, essa definição de *paisagem hodológica* e da *deriva* como modo de tradução do espaço exerceu uma força definidora do modo como, ao mesmo tempo, compreendemos as relações entre a comunidade e o lugar e como representamos esse entendimento. A arte da cartografia, proposta por Besse, Careri, artistas como Guy Debord e os situacionistas nos anos 1970, se concretizou como a linguagem a partir da qual o grupo de alunos pôde dar sentido ao universo fragmentado de conteúdos apreendidos na vivência e nos estudos da favela São Remo. Assim, outros canais de percepção e de assimilação do conteúdo foram incorporados.

A *deriva* não foi simplesmente uma ferramenta de sensibilização da espacialidade da favela, quase sempre pouco comum ao pesquisador urbano, foi uma ferramenta de ativação de outros conteúdos à margem das convencionais análises urbanas de áreas precárias. Em geral, o ambiente degradado e sem infraestrutura é lido a partir de seus prejuízos urbanos e sociais, e pouco se documenta a ativa vitalidade cotidiana desses territórios. No fundo, são porções de cidade como outras, só que mais pobres, menos planejadas pois são autoconstruídas, menos estruturadas com aquilo que a sociedade formal considera qualidade urbana. Entrar em contato com outros parâmetros de qualidade, como a afetividade dos lugares, a importância no cotidiano de certas centralidades, marcos e pontos de encontro percebidos no caminhar, ou mesmo de personagens e fatos que marcaram a história da comunidade, certamente trouxe um componente para a análise que é muito mais próximo do sentido de pertencimento e das razões de ser desse território.

Os usos de linguagem não verbal têm papel pedagógico importante no campo da arquitetura e do urbanismo – ele leva necessariamente o aluno a um processo de seleção, de tradução de conteúdo e, conseqüentemente, de síntese. O desenho é a principal linguagem desse pesquisador arquiteto, portanto explorar as formas compositivas de registro, análise e síntese gráfica foram também fundamentais. O processo de convívio foi registrado em relatos escritos e fotográficos, em mapas de trajetos e em desenhos-esquemas de palavras-chave. Esse processo levou a uma síntese em três mapas e à construção de plataforma on-line disponível para toda a comunidade, pois, durante o trabalho, o grupo percebeu que a riqueza dessa documentação organizada e legível é um patrimônio que pertence também à comunidade. Como colocado por Magnani (2002), há o momento de reorganizar os dados aparentemente dispersos apontando sentidos outros para aquilo que se imaginava compreendido.

SÃO REMO, APROXIMAÇÕES SIMULTÂNEAS

A favela São Remo fica na região oeste da cidade de São Paulo em terreno contíguo à Cidade Universitária, sede da Universidade de São Paulo (USP). A história da formação da favela está entrelaçada com a da USP, tanto pela proximidade física como pela distância econômica e social entre suas comunidades. A USP foi criada em 1934 num momento de grande inquietação cultural e acadêmica, nos vários campos da ciência, também momento de formação de quadros especializados para o magistério superior, pouco existentes até então. Nesse contexto surge a ideia de criar uma cidade universitária para reunir os cursos de graduação dispersos por São Paulo, tendo

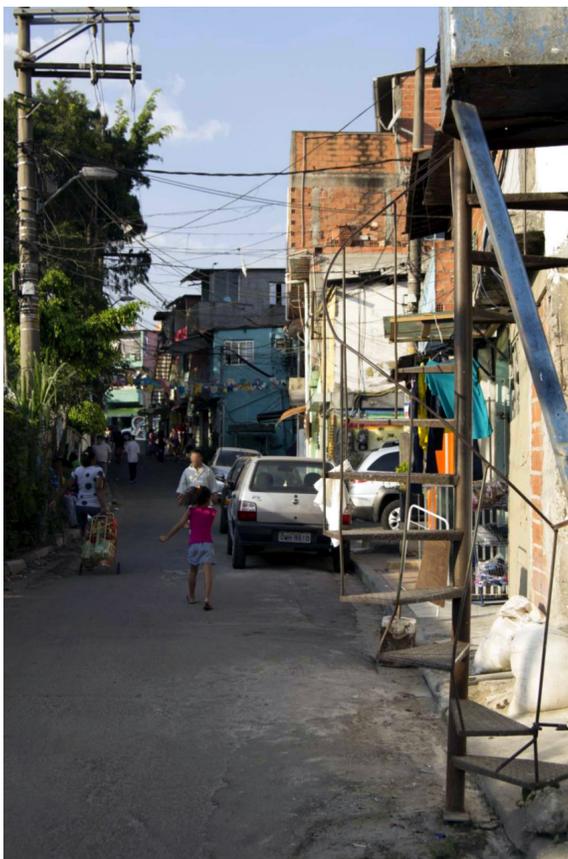


Figura 2 – Foto da favela São Remo. Na parte superior da imagem vê-se a Cidade Universitária.

Fonte: acervo de imagens da disciplina.

Foto: Ana Maria Haddad, 2017.

como local escolhido o Butantã, formando a “Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira”. Nos anos 1940, instalam-se as primeiras faculdades no *campus*, mas é entre os anos 1960 e 1970 que se realizaram os maiores investimentos em obras de infraestrutura e construção das primeiras unidades para a transferência de cursos. E é neste período que a USP e a favela São Remo se encontram.

A história da formação da São Remo não é diferente da maioria das favelas e loteamentos populares da metrópole paulista. O processo de industrialização e, conseqüentemente, os intensos movimentos migratórios rumo às cidades foram os motores da expansão periférica – uma urbanização incompleta e precária. O lugar dos que aqui chegavam em busca de trabalho não era dado por políticas de acesso à terra urbanizada e à moradia formal, mas, sim, de forma improvisada desde o acesso à terra à autoconstrução da moradia. Começa assim a espera de um dia o Estado chegar para “corrigir” o problema, dotar de infraestrutura e oferecer serviços públicos.

A São Remo, como surge? Iguamente a outras tantas favelas, a construtora que estava à frente da obra precisava de mão de obra, e os trabalhadores migrantes que chegavam a São Paulo precisavam de trabalho e moradia. Como resolveu? A construtora instalou os trabalhadores em alojamentos provisórios, onde hoje é a favela São Remo, e, quando a obra se encerrou, os trabalhadores se fixaram no lugar, surgindo, assim, a São Remo e com ela suas lutas pela permanência e melhorias, ou seja, fazer do alojamento provisório o “bairro” deles. E, se algumas conquistas se realizam, em 1979 chegam os serviços de água e luz e, ao longo dos anos, surgem o asfalto, os serviços sociais e as melhorias pontuais. Até hoje essas lutam permanecem, agora por regularização e urbanização.

⁴ O “Programa Avizinhar”, criado em 1998, tem como objetivo criar uma convivência respeitosa entre a USP e a população vizinha ao *campus*. O Programa atua em atividades educativas, acompanhamento familiar, escolar e comunitário e redes de cooperação.

Desde o início da ocupação, a relação entre a USP e a São Remo foi permeada por conflitos e mediada pela dependência das relações de trabalho. Os conflitos se davam pela questão da propriedade da terra, eram permeados pelo estigma da violência e da criminalidade atribuído às favelas e mediados pelas relações de trabalho. Se no começo a mediação se dava pela absorção de mão de obra para a construção do *campus*, hoje se dá na oferta dos postos de trabalho em serviços gerais nas unidades da USP. Mas a história desses vizinhos também é pontuada por outras relações: desde os anos 1990, a pesquisa e a extensão desenvolvidas na USP chegam a São Remo, como o Projeto de Extensão “Programa Avizinhar”⁴, da Pró Reitoria de Cultura e Extensão, e outros em andamento da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Escola de Comunicações e Artes (ECA), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Veterinária, Biologia, entre outras.

Hoje, a São Remo é um bairro consolidado que continua na luta por reconhecimento, melhorias e urbanização. Sua dinâmica urbana e social é muito intensa, seu comércio e serviço se intensificaram com novos bares, padarias, cabeleireiros, lojas diversas, restaurantes, áreas de lazer e esporte,

festas de rua, entre outros serviços e, especialmente, oportunidades de trabalho. Manifestações culturais também têm seus, com os “pancadões”, *funks* e outras atividades voltadas à cultura e educação. Se antes estava fora dos mapas, agora tem endereço e CEP. O mercado de moradias aquece, surgem novos agentes de dentro e de fora do núcleo urbanizado – corretores imobiliários, investidores rentistas, incorporadores e construtores – que negociam, intermediam, produzem e administram a compra e venda de moradia⁵, uma nova dinâmica que tenciona a autoconstrução e a produção mercantil.

A São Remo compreende uma área de 64.000 m² e abriga mais de três mil famílias. A relação com a USP ainda é forte: 70% dessas famílias têm algum parente empregado na Universidade, entretanto, a escolaridade e a formação técnica é baixa em toda a comunidade⁶. A USP, nesses 50 anos, tem sido muito mais uma oportunidade de emprego do que uma relação para emancipação de formação profissional. A relação com a Universidade é ambígua e feita por vozes dissonantes, atores que vão além do voluntariado e estabelecem uma parceria frutífera como o Circo Escola São Remo, o Projeto Alavanca, o *Jornal da São Remo*, as repúblicas de estudantes e atores que enxergam a favela como foco de violência, construindo muros e portões de controle.

O primeiro contato do grupo da disciplina com o ambiente da favela foi por meio do Projeto Alavanca, uma ONG voltada para o amparo das crianças em idade escolar que oferece reforço escolar, apoio familiar, atividades arte-educativas. O instituto teve financiamento internacional entre 2005 e 2013, e hoje sobrevive de forma precária com recursos de doação. Entretanto seu papel ainda persiste como centro de documentação da história da favela e de acolhimento social para algumas famílias.

Procurando trabalhar em resposta a esse primeiro contato, o grupo decidiu organizar com as crianças do Projeto Alavanca um programa de mapeamento afetivo para, de modo lúdico, conhecer os lugares de identidade, os pontos focais comunitários, os pedaços e as atividades que despertam o pertencimento (MAGNANI, 2002). Simultaneamente, selecionamos autores do campo teórico para trabalhar o apuro do olhar dos pesquisadores Antonio Candido, Adauto Cardoso, Celso Athayde, Gabriel Feltran, Jessé Souza, Yvonne Mautner, Miguel Bustamante Nazareth, Suzana Pasternak, entre outros, e procuramos formar um saber a respeito do tema dos bairros precários nas metrópoles brasileiras.

Pode-se afirmar que a “problemática” favela não é mais um fenômeno desconhecido. O século passado fecha com um conjunto consolidado de estudos que conceituam, representam, especializam, quantificam, analisam as mudanças e transformações das favelas, como também estudos sobre políticas e programas de urbanização de favelas, desde impactos sociais e urbanísticos das intervenções, regularização urbanística e fundiária aos aspectos programáticos, metodológicos e projetuais. Esses estudos, tanto na esfera teórica como empírica, nos guiaram para fundamentar e balizar os temas com o grupo de alunos.

Se até os anos os anos 1970 pouco se conhecia sobre as favelas paulistas, aos poucos, nos anos 1960, começou a entrar em pauta a “problemática” favela, quer pelo Estado, quer pela ação dos movimentos sociais urbanos, que

⁵ Cf. Barbon et al. (2017).

⁶ O “Diagnóstico preliminar socioterritorial do assentamento São Remo”, da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), de 2016, aponta que 70% das moradias têm ao menos um trabalhador dentro da USP.

começaram a lutar pelo reconhecimento das favelas. Até então estas eram recorrentemente nominadas pela sociedade como lugar de pobreza urbana, de desintegração social, de perigo, de criminalidade, de marginalidade. A ausência de estudos e de reconhecimento da favela como direito de estar na cidade deixou marcas no imaginário social, e a favela continua, até os dias de hoje, carregada de preconceitos e estigmatizada. A partir dos anos 1970 começa a se consolidar um quadro de pesquisadores nas universidades brasileiras e de técnicos no poder público que se debruçam sobre precariedade urbana, abrindo novas interpretações sobre favela, não mais somente como lugar de criminalidade e problema urbano a ser erradicado.

Os textos fundantes que nos apoiaram partem dos anos 1970, quando um grupo de professores da FAU-USP começou a pesquisar a moradia popular e sua relação com expansão e a estruturação do espaço periférico⁷. Esses textos apoiaram a contraposição entre a estruturação do espaço periférico e a quase vencida teoria da marginalidade predominante nos meios acadêmicos da época, e demarcaram os conceitos de autoconstrução e periferia desconstruindo a ideia hegemônica de que os lugares dos pobres na cidade eram de marginalidade e violência – ao contrário, são lugares de moradia dos trabalhadores⁸ (MAUTNER, 2017).

⁷ Cf. Lemos e Sampaio (1978, 1994), Maricato (1979) e Pasternak e Mautner (1982).

⁸ Os estudos de John Turner sobre as barricadas no Peru entusiasmaram os pesquisadores brasileiros da época e contribuíram para revisar a ideia de marginalidade das camadas populares que autoconstruíram nas periferias das cidades na América Latina. Eles mostraram que a barricada não era um processo desorganizado nem lugar de bandidos e de foras da lei, e sim um lugar de trabalhadores que não tinham acesso a moradia popular. (MAUTNER, 2017).

⁹ Como exemplo, nos anos 2000 consolidou-se na capital paulista a “pacificação das relações internas ao crime”, e o “mundo do crime” passou a intermediar as tensões internas à comunidade, desde brigas de vizinhos até roubos e furtos (FELTRAN, 2008).

Outros textos selecionados introduziram a interpretação atual da realidade das periferias e favelas, suas dinâmicas sociais e urbanas. Estes partem do olhar “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), em que “situações periféricas” não são tidas apenas como o lugar da informalidade, incivilidade e violência, mas como o lugar que leva a reconhecer o “outro” como sujeito de interesses válidos, valores e demandas legítimas (FELTRAN, 2008).

Complementarmente, o livro *Um país chamado favela* (ATHAYDE; MEIRELES, 2014) trouxe dados e depoimentos inéditos de moradores sobre as atuais condições social, econômica e cultural das favelas do Brasil e o “novo discurso” da favela como lugar de oportunidades, o que provocou uma série de indagações nos trabalhos de campo.

Se por um lado esses textos abriram a interpretação das atuais dinâmicas sociais e urbanas das periferias e favelas, por outro aprofundaram a interpretação dos novos conflitos e das tensões sociais relacionados a outros regimes normativos na favela. Os bairros populares da periferia e as favelas não são apenas aqueles onde prevalece o discurso de que o Estado se ausenta, é onde se manifestam conflitos de poder e ordem social e política, consequentemente, onde o “crime” ganha controle e domínio sobre eles⁹, como “dono” do espaço, sustentando o medo e intimidação (NAZARETH, 2017). No falso discurso do Estado ausente há a ação do Estado na manutenção da ordem motivada por ações repressivas e violentas para garantir a “segurança pública”.

Na rotina do curso, cada momento de convívio com as crianças e suas redes de relações pessoais e territoriais proporcionou um momento de reflexão e direcionamento do estudo, as derivas (CARERI, 2013) foram ao mesmo tempo uma ferramenta de aprofundamento do saber local e insumo para a análise reflexiva. Por aproximações sucessivas (PIGNATARI, 2004), o grupo foi elegendo questões principalmente motivadas pelo caráter gregário do Projeto Alavanca e do material histórico que foram encontrando nos arquivos.



Figura 3 – desvendando o mapa da São Remo
Fonte: Material da disciplina. Foto: Elisabeth Orthon, 2017



Figura 4 – um dos meninos-guia na atividade de conhecer a São Remo
Fonte: Acervo de imagens da disciplina. Foto: Elisabeth Orthon, 2017.

As primeiras aproximações foram realizadas com o grupo de alunos do Instituto Alavanca em uma oficina de reconhecimento mútuo, em que alunos da USP e do Alavanca fizeram um mapeamento de locais a partir de foto aérea. Essa atividade teve papel importante para iniciar vínculos entre alunos e pesquisadores, mas também para reconhecer vínculos com o lugar. Ao percorrerem com olhos e dedos pelo mapa, todos os envolvidos foram construindo um universo de pontos afetivos do território da favela São Remo.

A primeira oficina se desdobrou em outra, agora no espaço urbano de fato da Favela. Proposta como uma atividade lúdica aos alunos adolescentes do Alavanca, junto com os alunos da pós-graduação eles deveriam percorrer a favela passando por lugares importantes para eles e marcando no mapa esse trajeto. Esses “lugares importantes” trouxeram um rico entendimento do espaço urbano e revelaram diferentes níveis do que aqui chamamos de lugares de importância. Certamente, os jovens quiseram levar os alunos para conhecerem suas casas, mas, com a atividade, também acabaram visitando outros locais importantes do cotidiano, como o mercado, a padaria, a escola, o posto de saúde, o circo, o campo de futebol e, ainda, lugares de encontro, como a sede da associação, o largo das festas e os principais pontos de acesso da favela. De forma espontânea, os meninos e meninas que embarcaram na brincadeira convidaram os alunos a fazer trajetos do cotidiano e reconhecerem juntos os lugares de afeto e importância para a vida na São Remo.

Essas duas oficinas associadas aos seminários em sala de aula resultaram em um mapeamento dos lugares identitários da favela São Remos numa chave diferente do mapeamento convencional que define equipamentos, espaços livres, serviços e moradia, por exemplo. A diferença está justamente na qualificação do espaço urbano a partir do lugar de fala daquele que habita. Essa hierarquia de lugares de importância é, portanto, muito potente para o desenvolvimento de projetos de intervenção, principalmente porque está associada a valores de dentro do território em diálogo com a erudição do pesquisador, conquistada por sua atividade de análise simultânea entre a vivência e leitura teórica.

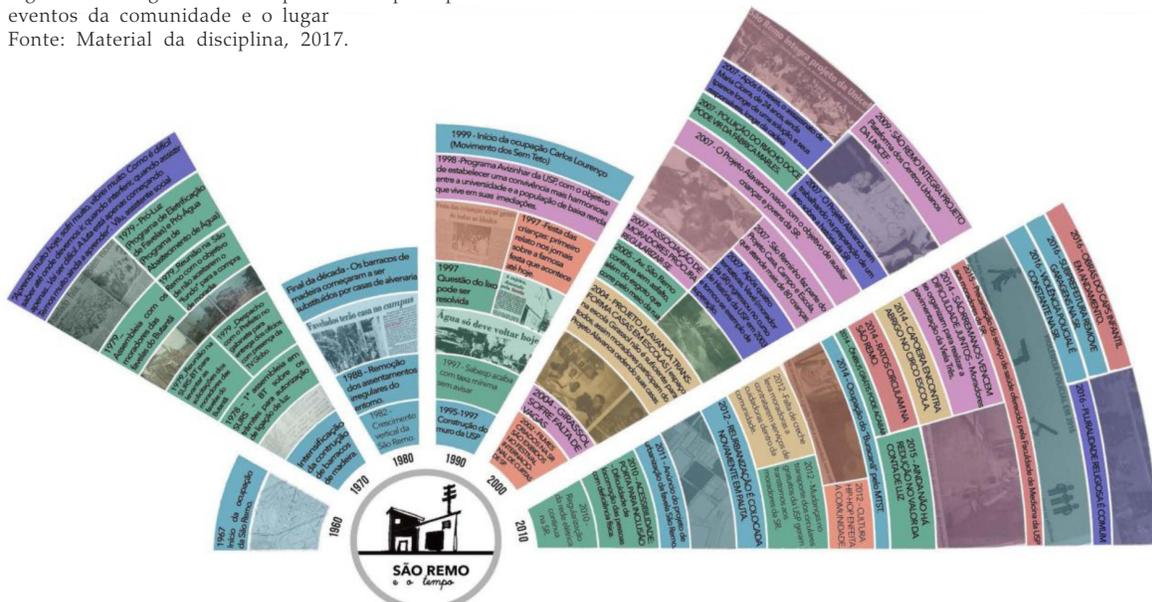
Outra atividade extremamente rica e que também teve desdobramentos em oficinas de contato direto com a comunidade foram as leituras do acervo de

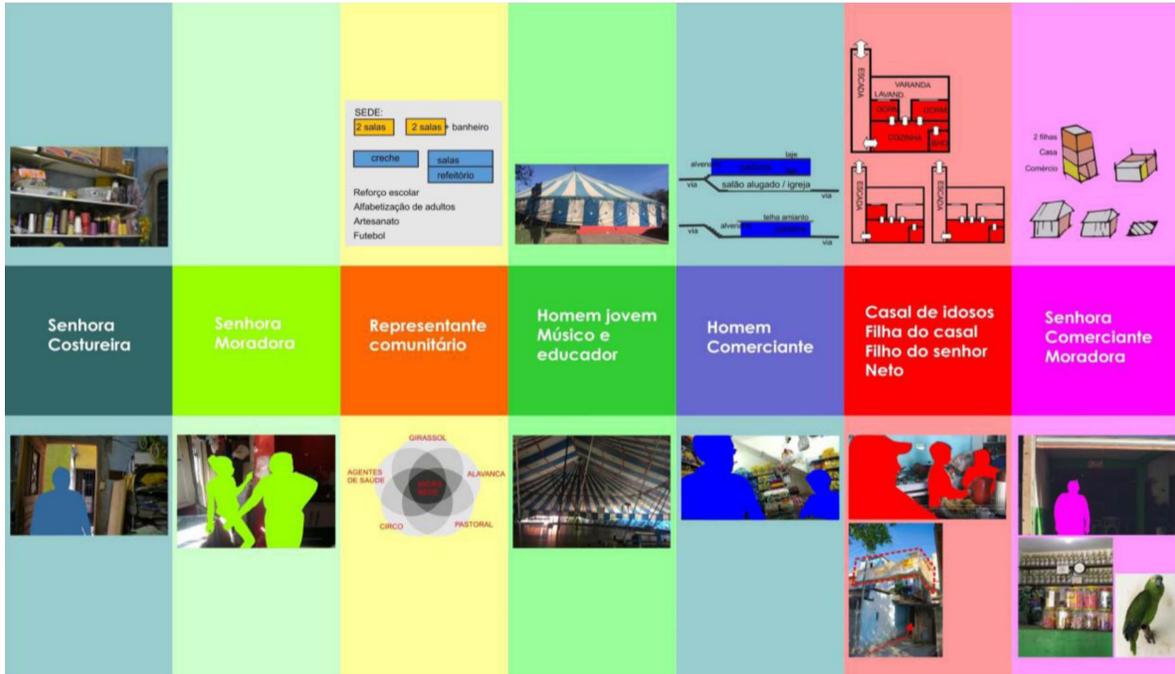
documentos sobre a favela São Remos no Instituto Alavanca. A biblioteca do Instituto, a coleção de jornais do bairro e da USP possibilitaram reconhecer os fatos marcantes da luta pelo direito à moradia, à terra e a serviços urbanos essenciais como água, luz, escola e posto de saúde. O acesso aos cadernos das assembleias de moradores e aos diários de atividades coletivas também pode trazer para o grupo a importância de alguns personagens da história do lugar. Foi dessa inquietação que nasceu a oficina de entrevistas com moradores.

A luta por infraestrutura, por recursos para equipamentos públicos de saúde e educação é pauta de bairros precários desde os anos 1970, como vimos anteriormente. Dessa forma, incluía-se a pesquisa numa esfera mais ampla de significação em relação ao tema dos bairros precários. Na São Remo não foi diferente, saber quais dessas questões ainda são latentes e quais emanam da consolidação do território e da comunidade local foi conteúdo desperto pelas leituras dos documentos históricos. Novamente as ferramentas teóricas apareceram para amparar esse método investigativo em resposta. Apreendendo mais uma vez com Antonio Candido (1985), Décio Pignatari (2004) e as estruturas da linguagem, o grupo buscou construir uma estrutura narrativa que percorresse a história da formação da favela; a construção de significado e identidade a partir da eleição de personagens atores (associações, igrejas, as crianças, os idosos, o Primeiro Comando da Capital – PCC, as escolas); as principais motivações agremiadoras (infraestrutura urbana, direito de propriedade, equipamentos públicos, mobilidade, segurança).

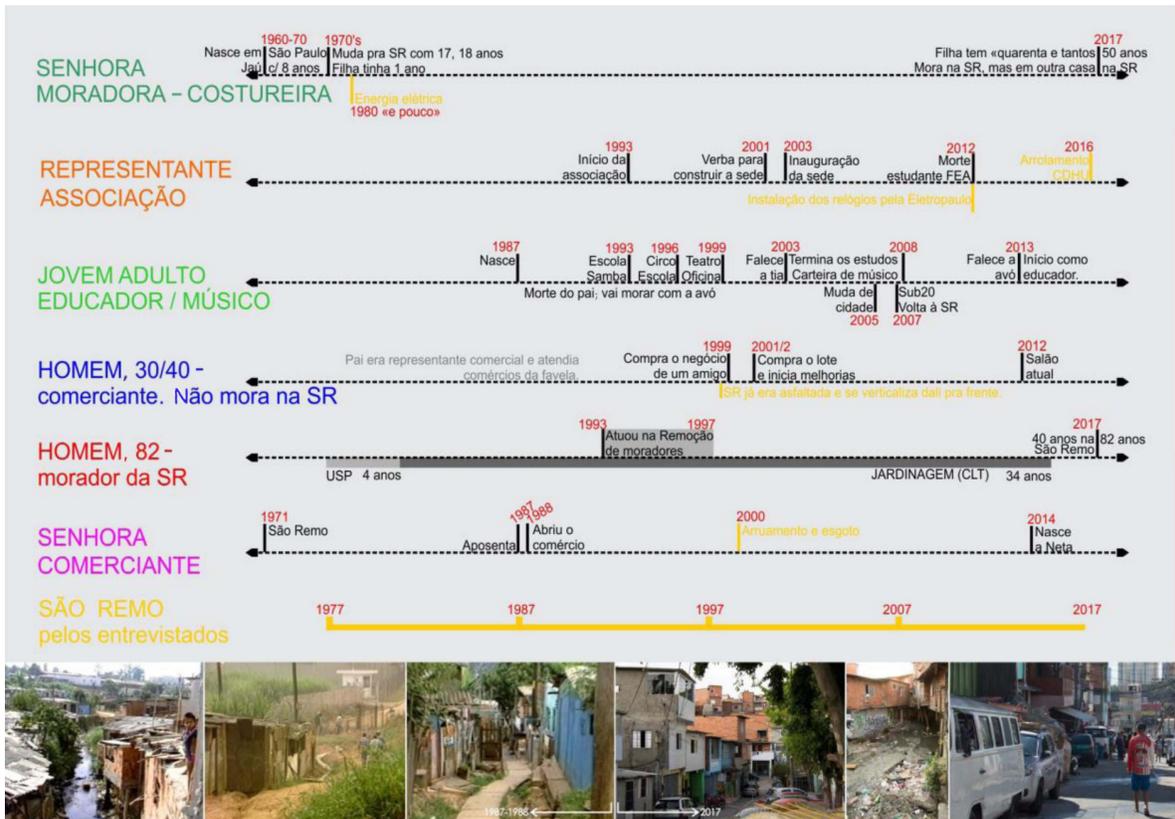
Cruzando a experiência do caminhar com os meninos e meninas, da leitura dos lugares de importância, o grupo de alunos percebeu que a conversa com alguns moradores seria importante para pensar a publicação dos resultados da pesquisa. A lista de entrevistados foi feita elegendo-se os personagens que agregariam aos diversos níveis de leitura um olhar qualitativo aos documentos. O resultado das conversas foi o fortalecimento da leitura urbana e a

Figura 5 – Diagrama do tempo com os principais eventos da comunidade e o lugar
Fonte: Material da disciplina, 2017.





Figuras 6 e 7 – Cartografias sínteses dos atores estudados da favela São Remo, uma leitura temporal e espacial
Fonte: Material produzido na disciplina, 2017.



compreensão de um percurso coletivo histórico que explica muito da morfologia do território. As falas colaboraram para compreender as principais centralidades, as carências típicas de territórios autoconstruídos e apartados das políticas públicas mais inclusivas, mas, acima de tudo, para reconhecer as características urbanas da favela São Remo.

Por esse reconhecimento foi possível construir uma linha do tempo que mapeasse as principais iniciativas coletivas, as conquistas, as disputas e, no fundo, o enraizamento no lugar e a construção de sentido de pertencimento para além do sentimento individual ou familiar, o valor da vida comunitária como força (ATHAYDE; MEIRELES, 2014). Também foram fundamentais os documentos do Projeto Alavanca, que narravam a história da ocupação e formação da favela São Remo, e o acervo do *Jornal da São Remo*, principal veículo de informação no bairro dos anos 1990 até 2010.

Desta análise emanaram discussões interessantes que revisam o conceito de precário e a própria noção de favela, em que o tema da autoconstrução, da autogestão, constrói uma força comunitária hoje associada também ao empreendedorismo e a uma visão menos pejorativa dos conceitos de adaptação e inclusão. A luta por autonomia de funcionamento e pelo direito a bens e serviços urbanos, que se iniciou como uma luta por sobrevivência diante da falta de planejamento, de improviso, hoje pode ser lida também como determinação que levou a uma luta por maior autonomia, por ampliação de direitos, por construção de significado de pertencimento.

Esse processo de leitura analítica e propositiva reconheceu que a favela também é cidade, com seus grupos, suas elites, seus lugares privilegiados, degradados, mas com uma dimensão comunitária relativamente mais forte que outros bairros de classe média ou mesmo alta, hoje encastelada em condomínios onde os serviços são todos privatizados. A São Remo ainda tem muitos problemas ambientais, sociais e oriundos da precariedade, uma luta que precisa continuar e que é constantemente ameaçada por facções ligadas ao tráfico de drogas e às armas, que veem na construção de autonomia uma ameaça ao poder. O trabalho de pesquisa que articula instâncias diferentes de saberes sobre o lugar tem a vocação de estruturar leituras analíticas mais assertivas sobre a compreensão do território informal.

RESULTADOS

Essas constatações discutidas em sala de aula resultaram na organização de uma plataforma na rede, aberta e livre. Todo o material coletado, as fontes de pesquisa, outros trabalhos acadêmicos sobre a São Remo, os depoimentos, os registros preliminares e os mapas sínteses foram disponibilizados no *site*. Com esse produto, o grupo procurou também responder a uma das primeiras questões que o convívio com a comunidade suscitou: construir mais uma ferramenta de emancipação a partir do conhecimento compartilhado. Seja para futuros trabalhos acadêmicos, seja para propagar a identidade dos moradores da favela São Remo e comprovar que as fundamentações histórica, antropológica e urbanística consolidam uma das plataformas essenciais para construir conhecimento sobre o ambiente urbano contemporâneo.

Os resultados do trabalho aqui descrito foram compartilhados com a comunidade ao retornarmos com os mapas e com a plataforma on-line para o grupo do Alavanca. Parte das questões motivadoras desta pesquisa foi proporcionar aos moradores da São Remo ferramentas de reconhecimento de seus direitos de cidadãos e de colaborar para a construção de identidade – passo fundamental para a autonomia social.

Assim, este artigo procurou apontar os métodos adotados no laboratório de pesquisa acadêmica diante do tema dos bairros precários nos grandes centros urbanos. Nossa reflexão partiu do reconhecimento de que as ferramentas originárias no histórico movimento de luta por moradia, por urbanidade e nos entrecortados projetos de ação pública já não são mais suficientes para fundamentar a leitura e a ação nessas realidades urbanas.

O papel da faculdade pública transcende a questão da pura documentação e sistematização de dados. É preciso construir outras articulações metodológicas transversais e formar pesquisadores aptos a reconhecer a diversidade complexa desses tecidos urbanos e humanos. Se podemos reconhecer uma das vocações da universidade pública, em seu campo de extensão, a ação dialógica entre academia e sociedade parte do necessário entendimento das igualdades perante o conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ATHAYDE, Celso; MEIRELES, Renato. *Um país chamado favela*. Rio de Janeiro: Gente, 2014.
- BARBON, Angela et al. Paraisópolis: aproximando-se ao mercado formal. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DA LARES, 16., 2017, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Lares, 2017.
- BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo, exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.
- CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 1985.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: GG, 2013.
- ESCOBAR, Arturo. *Autonomía y diseño: la realización del comunal*. Popayán: Universidad del Cauca, 2016.
- FELTRAN, Gabriel. *Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- LEMOS, Carlos; SAMPAIO, Maria Ruth. *Evolução formal da casa popular paulista*. São Paulo: FAU-USP, 1978.
- LEMOS, Carlos, SAMPAIO, Maria Ruth. *Casas proletárias em São Paulo*. São Paulo: FAU-USP, 1994.
- LIMA, Adson. Oscilando entre o ser e o nada: a questão do espaço hodológico no pensamento de Sartre. *Arquitextos*, São Paulo, ano 10, n. 112.03, set. 2009. Não paginado. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.112/24>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- MAGNANI, José. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 12, 2002.
- MARICATO, Ermínia. *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial*. 2. ed. São Paulo: Alfa Omega, 1979.
- MAUTNER, Yvonne. Mudança de rumo na moradia popular: da terra comprada à terra ocupada. In: ZUQUIM, Maria de Lourdes; MAZO, Liliána María Sánchez (org.). *Barrios populares Medellín: favelas São Paulo*. São Paulo: FAU-USP, 2017.

NAZARETH, Miguel Bustamante. *Vila Nova Jaguaré entre favela, comunidade e bairro*. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PASTERNAK, Suzana; MAUTNER, Yvonne. *Habitação da pobreza: alternativas de moradia popular em São Paulo*. São Paulo: FAU-USP, 1982. (Cadernos de Estudos e Pesquisas 5).

PIGNATARI, Décio. *Semiótica da arte e da arquitetura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 1996.

SARTRE, Jean Paul. *L'etre et le Néant*. Paris: Gallimard, 1943.

Nota do Editor

Data de submissão: 01/10/2018

Aprovação: 07/11/2019

Revisão: Tikinet

Marina Mange Grinover

Fundação Armando Álvares Penteado

R. Alagoas, 903, Higienópolis – 01242-902 – São Paulo – SP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2171-1464>

grinover@uol.com.br

Maria de Lourdes Zuquim

Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Rua do Lago, 876, Butantã – 05508-080 – São Paulo – SP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1975-1539>

mlzuquim@usp.br